

# "O delfim" e o moderno romance português

O lançamento do romance "O Delfim" de José Cardoso Pires (recentemente em visita ao nosso País), como volume inaugural da "Coleção Caravelas" que a Civilização Brasileira vem de criar, representa muito mais do que apenas um auspicioso acontecimento editorial. Para além de sua importância intrínseca, como obra-chave da novelística de Cardoso Pires, "O Delfim", nesta edição brasileira (realizada de acordo com Moraes Editores de Lisboa) surge ao nosso público como uma das mais importantes concretizações dos projetos que ultimamente vêm sendo feitos (em Portugal e Brasil), no sentido de se atingir uma comunicação maior e mais fecunda entre os dois povos irmãos pela língua, pelas origens e pela cultura.

Com o mesmo sentido, pois, com que em março deste ano foi lançada em Lisboa a revista *Colôquio/Le-*

*tras*, da Fundação Calouste Gulbenkian, que (sob a direção de Hernâni Cidade e Jacinto Prado Coelho) dá ampla cobertura a escritores brasileiros e portugueses; com o mesmo sentido com que o editor Lyon de Castro (de Publicações Europa-América) esteve recentemente entre nós ultimando os estudos para o estabelecimento de uma filial de sua editora, no Brasil, para lançar autores portugueses e brasileiros; agora a Civilização Brasileira inicia a "Coleção Caravelas", cujo plano é divulgar para o grande público brasileiro a literatura nova que Portugal está construindo e que, salvo raras exceções (lembramos a propósito as edições brasileiras de romances de Fernando Namora que a Editora Globo vem publicando...) tem permanecido desconhecida entre nós.

Portanto, pelas perspectivas de abertura cultural de que é sintoma claro, o lançamento brasileiro de "O Delfim" não podia ser mais animador. Sinal de que uma grave lacuna no mercado editorial principia a ser concretamente preenchida.

Da mesma forma, como obra reveladora da realidade portuguesa atual, a sua escolha (dentre tantos e tantos títulos e autores altamente significativos na ficção portuguesa contemporânea) revela-se extremamente feliz. "O Delfim" tem sido uma das obras portuguesas de maior repercussão crítica e editorial destes últimos três anos: quatro reedições portuguesas e traduções na França, Espanha e Alemanha.

Obra madura (como já tivemos ocasião de dizer, em 68, quando de sua primeira publicação em Portugal), "O Delfim" apresenta-se, a nosso ver, como o ponto mais alto de depuração estilística e amadurecimento vivencial, revelados até o momento pela ficção de José Cardoso Pires. Ficção que atinge agora o seu oitavo volume e várias reedições; e onde a "portugalidade" (isto é, o sentir Portugal em face da História ou do Tempo) é o elemento que alimenta e dinamiza a invenção literária.

Romance do próprio romance, "O Delfim" nasce das conjecturas do próprio escritor consigo mesmo, ao chegar uma tarde na aldeia da Gafeira para a "estação de caça" anual e ouve notícias desencontradas acerca de uma provável tragédia que teria ocorrido na "casa da lagoa". Pela primeira vez o romancista participa do seu romance como personagem, isto é, como "narrador" declarado dos fatos e, simultaneamente, como "antinarrador" (= aquele que vê de fora, crítica e julga o que o "outro" está narrando): atitude duplice que continuamente põe em dúvida a verdade imediata que vai sendo apreendida nos fatos.

Toda a efabulação do romance é, portanto, uma longa recuperação pela memória dos momentos em que, um ano antes, o escritor privara com as personagens da tragédia: o Engenheiro (o Delfim), a esposa



e o criado. Esse contínuo recuperar de fatos passados, pequenos nada, pormenores... sobrepõem-se à realidade concreta que, no presente, circunda o Narrador (= a vida da aldeia e os preparativos para a nova estação de caça), e passa a impor-se como realidade maior absorvendo e abstratizando a atual.

Essa intriga básica, aparentemente rudimentar, tem no entanto uma significativa dimensão simbólica: enquanto no plano epidérmico da narrativa, desenvolve-se essa absorção do "presente" pelo "passado" (= o reviver dos fatos transcorridos um ano antes suplantam os decorridos no momento da narração), no plano subjacente, o da problemática essencial do romance, denuncia-se a existência de certo "espaço" histórico, físico, concreto: uma certa esfera humano-social onde a vida decorre como que suspensa no tempo: alicerçada sobre as ruínas da História e alimentando sua necessidade de atuação com as criações grandiosas de um passado transformado em mito.

"Escrevi este romance", disse Cardoso Pires em certa entrevista. "pensando no Tempo — no nosso Tempo português. Uma e outra coisa, livro o tema, são ainda um enigma para mim. O romance, porque, nas cinco versões que escrevi dele, me "ultrapassou" impondo-me certas soluções narrativas de todo inesperadas. O tema, porque me obrigou a aprofundar o denominador comum da nossa condição: a realidade de um Tempo português, que é única nos meridianos contemporâneos. (...) Isto porque é um tempo histórico e até físico verdadeiramente singular no nosso cotidiano".

É, pois, na lúcida captação desse "tempo", efetuada por uma consciência crítica (despida da visão onisciente de quem tudo sabe, interpreta e explica) que se constrói "O Delfim". Numa dimensão jamais alcançada antes, aprofunda-se neste romance a faceta alegórica característica do processo criador de J. Cardoso Pires, em sua vigilância constante para transcender o significado literal e raso da realidade objetiva e dar-lhe uma conotação simbólica. O "Jaguar"; os "mastins"; o "whisky"; a "muralha" do largo; a "lagartixa no muro"; a "estação da caça"; a "lagoa"; o "velho vendedor de bilhetes"; etc., etc. são alguns dos elementos que compõem a cosmografia de Cardoso Pires em "O Delfim". E acima de todos, sobrepõe-se a figura do Engenheiro (= o Delfim): a corporificação de uma postura mental e de um "modus vivendi" de herança medieval, que ainda persiste no português de hoje.

A nosso ver, "O Delfim" representa no universo ficcional de Cardoso Pires um limite e uma nova abertura. Um "limite", porque esteticamente aparece-nos como um ponto de chegada na diretriz do realismo dialético, trilhado pelo romancista desde seus primeiros contos: a literatura exemplar, polêmica, partici-



pante (no sentido sócio-político do termo...) que encontramos, por exemplo, em "O Anjo Ancorado" ou em "O Hóspede de Job". Ao mesmo tempo, vêmo-lo como uma "abertura" porque uma nova trilha vivencial e estilística ali já se evidencia.

Como disse o Escritor em conversa com o Engenheiro: "Cada romance (...) vai crescendo com o tempo, corrigindo-se com o corpo e a voz do homem que o escreveu." E assim, realmente, se vem revelando a produção de José Cardoso Pires — elemento de destaque que, ao lado de seus companheiros de geração (= Vergílio Ferreira, Fernando Namora, Augusto Abelaira, Fernanda Botelho, Ruben A., Agustina Bessa Luís, Urbano Tavares Rodrigues, Natália Nunes, Maria Judite de Carvalho, Maria da Graça Freire, etc.), é responsável pela vitalidade e alto nível criativo que define a literatura portuguesa contemporânea.

Como diz Franklin de Oliveira, na apresentação da edição brasileira, "é admirável a capacidade de José Cardoso Pires, de organizar estruturas e ritmos narrativos sobre uma economia verbal altamente concentrada, que comunica força e poder à sintaxe novelística. Na sua arte a palavra é ação, e não valor lúcido. Aciona a demanda romanesca. O encontro com José Cardoso Pires, sua ficção e sua prosa enriquecem a nossa sensibilidade. Incorporá-lo ao universo literário do leitor brasileiro, tão distanciado da nova ficção portuguesa, é ato de lucidez intelectual."